

A construção da identidade docente durante o isolamento compulsório da hanseníase (1942-1978): narrativas e rupturas biográficas

The Construction of Teaching Identity During the Compulsory Isolation of Leprosy (1942-1978): Biographical Narratives and Ruptures

DOI 10.5281/zenodo.15014869

Salatiel da Rocha Gomes¹

48

Resumo: Este estudo investiga as trajetórias de indivíduos que se tornaram professores durante o isolamento compulsório da hanseníase (1942-1978), com foco nas experiências dos ex-internos da Colônia Antônio Aleixo, em Manaus. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e utiliza narrativas autobiográficas para analisar as rupturas biográficas desses sujeitos. Os depoimentos revelam como, apesar das dificuldades e do estigma associado à doença, o ensino emergiu como uma prática de resistência e reconfiguração identitária. Os participantes, ao se tornarem educadores, reconstruíram sua autoestima e encontraram no ato de ensinar uma estratégia de empoderamento, enfrentando as limitações impostas pelo isolamento. As histórias de vida coletadas demonstram como a educação, mesmo em condições adversas, foi fundamental para a reintegração social e para a transformação pessoal desses docentes. Este estudo contribui para a historiografia da educação, ao resgatar a história de professores que, apesar das marginais condições de vida, tornaram-se agentes de mudança e de resistência.

Palavras-chave: Narrativas. Isolamento Compulsório. Professores. Hanseníase

Abstract: This study investigates the trajectories of individuals who became teachers during the compulsory isolation for leprosy (1942-1978), focusing on the experiences of former

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Realizo Estágio Pós doutoral em Educação (UPF); Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/ICHL), Mestre em Educação (UA/UFAM), Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia(UEA); especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO); Especialista em Acompanhamento, Monitoramento e Avaliação em Saúde Coletiva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e em Letras - Língua Portuguesa. Possui formação técnica em Administração de Materiais e Logística pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Participo do grupo de pesquisa em Fundamentos da Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (UEA) e do Grupo de pesquisa em Processos Civilizadores na Pan Amazônia (UFAM). Já atuei como Analista Técnico Educacional do Cetam, Membro da Comissão de Ensino e Pesquisa do Cetam, Membro do Comitê Gestor PROJOVEM Urbano, Membro da Mesa de Negociação do SUS (Secretaria de Saúde), Membro do Comitê PlanificaSUS (Secretaria de Saúde), Membro da Comissão de Ensino, Serviço e Comunidade do Amazonas (CIES/Secretaria de Saúde), Membro do Comitê Técnico Profissional do Cetam (COTEP), representante da RETSUS da Região Norte (Ministério da Saúde), professor e pedagogo da rede municipal de Manaus, pedagogo da rede estadual do Amazonas e como diretor da Escola Técnica do SUS (2018-2023). Desenvolvo pesquisas nas áreas de Educação em Saúde, Educação Permanente em Saúde, Educação Popular, Avaliação Educacional na interface Saúde, Educação Profissional e Tecnológica e Educação e Ensino de Ciências. E-mail: salatielrocha@yahoo.com.br

Recebido em 15/01/2025

Aprovado em: 12/03/2025

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



residents of the Antônio Aleixo Colony in Manaus. The research adopts a qualitative approach and uses autobiographical narratives to analyze the biographical ruptures experienced by these individuals. The testimonies reveal how, despite the challenges and stigma associated with the disease, teaching emerged as a practice of resistance and identity reconfiguration. The participants, by becoming educators, rebuilt their self-esteem and found in the act of teaching a strategy for empowerment, facing the limitations imposed by isolation. The life stories collected demonstrate how education, even in adverse conditions, was essential for social reintegration and personal transformation. This study contributes to the historiography of education by recovering the history of teachers who, despite marginal living conditions, became agents of change and resistance.

Keywords: Narratives, Compulsory Isolation, Teachers, Leprosy

1 Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as experiências de professores que, durante o isolamento compulsório da Hanseníase na Colônia Antônio Aleixo, em Manaus, foram convidados a ensinar outros internos, tendo como base suas trajetórias de alfabetização e a vivência pedagógica adquirida nesse contexto. Vale a pena ressaltar que o isolamento, imposto por questões de saúde pública e tratado como uma medida de controle da hanseníase, não apenas afetou a saúde física dos indivíduos, mas também teve um impacto significativo nas suas trajetórias de vida, incluindo a educação. Neste cenário, os participantes da pesquisa, inicialmente não preparados para a função pedagógica, passaram a exercer o papel de educadores, transmitindo seus conhecimentos aos demais internos da colônia, configurando um processo de ensino-aprendizagem formal adquiriu grande relevância no contexto de isolamento.

A metodologia adotada para esta pesquisa baseou-se na abordagem de narrativas autobiográficas, com o intuito de acessar as experiências dos professores a partir de suas próprias perspectivas, permitindo a reconstrução dos sentidos aos acontecimentos vividos. Segundo Clementino (2012), as narrativas são uma forma privilegiada de investigar a vida de sujeitos que se encontram em processos de transformação ou de crise, como foi o caso dos internos da Colônia Antônio Aleixo, que, além do impacto da doença, se viram forçados a reconfigurar suas identidades e suas relações com a sociedade. A narrativa, como forma de conhecimento, oferece aos sujeitos a possibilidade de refletirem sobre o próprio passado e de reconstruírem suas experiências de maneira a atribuir-lhes novos sentidos e significados. Este processo permite, para além da simples descrição de eventos, a construção de uma compreensão mais profunda da relação entre o sujeito e o contexto em que está inserido.

O uso das narrativas na pesquisa se justifica pela sua capacidade de proporcionar uma análise subjetiva e singular da realidade vivida pelos participantes. A abordagem qualitativa, que privilegia o olhar atento ao contexto e à experiência do sujeito, é, portanto, essencial para compreender as complexas relações de ensino, aprendizagem e identidade construídas durante o isolamento. Os professores, ao narrar suas vivências, não apenas comunicam fatos, mas revelam as motivações, os desafios e as transformações internas que ocorreram ao longo de sua trajetória, o que se alinha à proposta metodológica de Josso (2010), que entende as narrativas como um espaço para o sujeito se reapropriar de sua própria história e, ao fazê-lo, dar-lhe novos significados. No caso da Colônia Antônio Aleixo, este processo de reconfiguração das identidades foi intensamente marcado pela experiência de isolamento e pela revalorização da função pedagógica como uma prática de resistência e reinvenção.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas e seguiu as diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 466/2012, garantindo que todos os participantes estivessem plenamente informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual ficou claro que sua participação era voluntária e que poderiam desistir a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo. A escolha dos participantes foi feita de forma criteriosa, selecionando aqueles que haviam atuado como educadores durante o período de confinamento na Colônia Antônio Aleixo, e que estavam dispostos a compartilhar suas experiências. Vale ressaltar que, para preservar a identidade dos participantes e garantir sua privacidade, todos os nomes mencionados neste estudo são fictícios.

A troca de informações, em que os participantes falam de sua vivência como professores no ambiente isolado, foi fundamental para entender não apenas a prática pedagógica em si, mas também as dinâmicas sociais e psicológicas que envolvem o processo de aprendizagem em contextos de exclusão e vulnerabilidade social. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, nas quais os professores puderam compartilhar suas experiências de forma livre, embora com o direcionamento de questões que buscavam compreender as nuances de seu papel como educadores no isolamento. Assim, o estudo não só reflete sobre a importância do ensino no isolamento da hanseníase, mas também ilumina como o processo educativo pode ser um instrumento de resiliência e transformação pessoal em tempos de crise social e sanitária.

2 A construção da identidade docente

2.1 A trajetória da professora Cleide

A Professora Cleide tem um talento de narrar, provavelmente vindo de sua experiência com a educação. A atmosfera de suas palavras no envolve da mesma forma como significa para ela. Ela e o professor Ernesto são os únicos professores ainda vivos que ministraram aulas durante o isolamento compulsório. Sua experiência com a educação envolve a docência e gestão. Foi muito tempo diretora de uma escola municipal do bairro e uma das profissionais da educação que lutou pela ampliação da quantidade de escolas no bairro, como lembra.

Por meio da rede de interdependência, perguntamos aos depoentes se conheciam algum professor vivo e que havia sido atingido pela doença. O primeiro nome que falavam era o de “dona” Cleide. Você precisa conhecê-la, diziam, e foi assim que entrevistamos a professora Cleide. A primeira pergunta que fizemos foi: Conte-nos um pouco de sua vida aqui na Colônia. A partir daí, pediu que utilizássemos o gravador, pois falava rápido e se “empolgava” demais com as histórias.

Cheguei aqui na Colônia em 1958, com 12 anos de idade e vim da cidade de Itacoatiara. Peguei a doença lá com 10 anos. Vim para Manaus para casa da minha avó, e com 12 anos ela me internou. Quando meu viú, se assustou porque não conhecia a doença, não tinha ninguém na família. Meu pai viu umas pintinhas na perna esquerda e se assustou. Quando veio, não passou nem em casa para ver como eu estava, já passou direto para o Alfredo da Mata. Na época, não tinha nenhuma noção da doença. Em mim, deu na orelha. Ficou muito vermelha e dolorida. Comecei a ter febre. Lá era SESP, e de lá o Dr. José Mendes, falou logo: lepra, sem exame, sem nada. Cidade pequena, meu pai funcionário público, ficou com medo de tirarem ele do emprego. No sábado, viajamos para Manaus e fiquei na casa da minha avó, a princípio fiquei saudável, mas dois anos depois, ela apareceu na minha perna. Minha madrastra se assustou e me trouxe pra cá. Cheguei em abril de 1958, em novembro. Pra mim foi bom ter vindo pra cá.

A professora, ao relatar sua experiência na Colônia, descreve que, quando crianças chegavam ao local, eram encaminhadas para casais que já estavam estabelecidos na comunidade. Ela própria foi acolhida por um desses casais, sendo tratada como filha, embora os pais adotivos tivessem filhos biológicos, mas não pudessem criá-los. Sua avó a visitava a cada 15 dias, enquanto seu pai nunca a procurou. A professora também rememora as condições precárias de alimentação que vivenciou durante esse período. Em novembro de 1958, o diretor do hospital determinou sua transferência, alegando que sua internação havia sido um equívoco, dado seu estado de saúde satisfatório. Ele alertou que, caso permanecesse na Colônia, sua condição poderia se agravar.

Acabei me acostumando. Foram conversando comigo e eu chorava muito; pediram para eu ir, porque se eu ficasse aqui eu iria para o areal (cemitério). Eu não sabia o que era, mas eu fui. Um ano depois eu voltei pra cá de vez, porque eu quis. Tive uma catapora muito forte e a hanseníase apareceu novamente. Nesse período, já tinha 17 anos, comecei a namorar, casei, tive 6 filhos, todos retirados de mim, no ato do parto. Casei em 1965, com 19 anos, em 1967, morreu um por falta do leite materno, com dois meses. Em 1968, tive outro, mora no bairro Santo Antônio, em 1969, nasceu outro que já faleceu de acidente. Em 1972, tive outro, que mora na feira do produtor, em 1974 tive uma filha que morreu de acidente, em 1978 eu tive esse. Em 1978 tomei a vacina da Meningite, amanheci com muita dor porque já estava com dor. Tive ele e foi encaminhado para casa de uma senhora, e quando saí daqui, peguei ele. Em 1981, voltei para a Colônia, já desativada, pois o seu Raimundo Batista me chamou.

A narrativa revela um relato de sofrimento e resistência de uma mulher que, desde a infância, passou por experiências traumáticas no contexto do isolamento compulsório da hanseníase. A referência inicial ao "areal", um termo associado ao cemitério da colônia, aponta para o impacto psicológico da doença e da separação familiar, o que a fez viver sob constante ameaça de morte, simbolizando a exclusão social e o estigma de sua condição. Ao longo do relato, a mulher menciona a perda de filhos, a dor do parto e a separação dos filhos logo após o nascimento, algo que revela não apenas a dureza das condições de vida na colônia, mas também a violência institucional imposta às mulheres internas, impedidas de exercer a maternidade de forma plena.

A partir desse momento, começam suas lembranças enquanto professora e como iniciou sua vida escolar. Sempre que acha necessário, faz relação com os tempos atuais, expressando que nesse momento, as escolas têm mais condições de trabalho, no entanto, ainda existem falhas de gestão. Para ela, as dificuldades fizeram com que os professores valorizassem cada formação.

Quando eu vim pra cá, eu tinha só a 4ª série. A escola era lá embaixo, multisseriada, lá perto da beira, no pavilhão Sandra Braga. Na primeira sala, era lá a escola. Quem dava aula lá era o Orlando Brasil e o Raimundo Quintino. Estudei com o Orlando Brasil. Tudo o que ele passava, eu fazia rápido, porque eu já sabia. Na época que eu cheguei, ainda não eram as freiras. Era administrado pelo Dr. Mário Rosas. A escola era só uma sala, só criança e adolescente. Adulto era com o Sr. Raimundo Quintino, à noite, mas só estudava quem queria. À noite, estudavam alguns adultos. Cada um comprava o seu caderninho, seu lápis, não tinha farda. Tinha que ter aulas para crianças doentes, precário, mas tinha que ter. Foi na época que as Freiras chegaram. As freiras chacoalharam a Colônia. Colocavam para trabalhar em várias coisas. Ela (Irmã Fernanda) me mandou chamar para trabalhar como professora.

Ao relembrar o início de sua trajetória na educação, ela descreve o processo como algo prazeroso, uma vez que sempre teve facilidade para aprender. O fato de não ter sido uma adolescente “revoltada”, como ela mesma se refere, contribuiu para que fosse bem vista pelas Irmãs Franciscanas, já que estava constantemente empenhada em estudar e cumprir as atividades que lhe eram solicitadas.

A irmã Fernanda era muito brava. Ela era ótima se você soubesse trabalhar com ela. Tínhamos que trabalhar direitinho. Ela pegava as moças para trabalhar. Depois que começamos trabalhar na escola ganhando, nós éramos obrigadas a trabalhar, à tarde, de graça. Eu ia para o Centro Cirúrgico, limpava e preparava o ambiente. Todo mundo que ganhava um salário, tinha que dar uma parte em serviço.

Outro ponto destacado diz respeito à sua formação pedagógica, que segundo ela, aconteceu durante o processo, pois, o critério mínimo para ingressar na docência era saber ler, escrever e fazer cálculos matemáticos básicos. No entanto, o aspecto didático, só foi incorporada por meio da experiência docente e da formação continuada, que basicamente aconteceu a partir de troca de saberes e compartilhamento de ideias dentro do próprio grupo de professores.

Eu não tinha nem magistério. Era professor feito na coxa. Mas a gente tinha que trabalhar. Nessa época que começamos a trabalhar, iniciamos a ganhar, porque até então ninguém ganhava nada. As freiras fizeram um convênio com a Seduc e nos repassava, mas também era só os dias trabalhados, época de férias, ninguém ganhava. Nós trabalhávamos o ano todo para ganhar no final do ano. Só era pago no final do ano, porque era convênio e nos repassavam. As freiras conseguiram, na televisão educativa, implantar um projeto, chamado Sumaúma. Eles davam aula no rádio, e duas vezes por mês, vinham professores tirar nossas dúvidas. Nossa formação era feita pelo projeto Sumaúma. Tínhamos muitas dificuldades. O Álvaro e o Antônio Tomé gostavam muito de matemática. Sentávamos debaixo dos paus e eles nos ensinavam a fazer as contas. Formávamos uns com os outros. A gente assistia aula todo dia pelo rádio. Nos reuníamos nas nossas casas, estudávamos juntos e no final do ano, foi feita a prova e nós passamos, para fazermos o ensino médio. No segundo grau, já estava em Manaus. Quando voltei, já vim fazer o projeto Logos, o magistério supletivo. Isso já foi em 1976 e 1977, quase no final do Leprosário. Voltei para trabalhar como professora, não tinha mais contrato, foi mais difícil. Eu procurava me esforçar, fazer um bom trabalho. Trabalhei com criança, adolescente e adultos. A educação não foi uma escolha pra mim.

Ao relatar sua história, envolvendo as áreas de Saúde e Educação, a professora Cleide faz questão de ressaltar seu esforço e dedicação, mesmo sem uma sólida formação. Conseguiu trabalhar posteriormente, concomitante, no hospital e na escola, se aposentando nas duas áreas. Cita, com muito orgulho, que obteve seu curso técnico em Enfermagem, que comprovava sua

capacidade na área da saúde. Na educação, ainda atuou numa escola chamada Dom Bosco, a primeira privada no bairro e que hoje não funciona mais, e ressalta sua contratação efetiva na Secretaria Municipal de Educação de Manaus. Foi diretora durante quatros anos e atuou muito tempo como professora dos anos iniciais do ensino fundamental.

Depois do ensino médio, veio o projeto do MEC, chamado de Parfor. Fizemos pela UFAM, lá nos Tapiris da Semed. Saíamos às 5 da tarde, era muito cansativo. Como tive derrame, não fiquei mais boa de saúde, me aposentei, e não concluí o curso. A gente não era professor formado. Não foi aquilo que escolhi, e talvez se eu não tivesse hanseníase, não teria essa profissão, que me empenhei. A doença pra mim foi boa e ruim. Foi boa porque eu tive a oportunidade de ser aposentada, de ter como colocar comida na minha mesa. Na minha casa, éramos 11 irmãos, e a única que teve essa oportunidade fui eu. Só eu tive a doença, até hoje, ninguém sabe como, mas apareceu em mim. Eu tenho um sentimento de gratidão às irmãs. Muita gente não gostava dela (Irmã Fernanda), gente que queria beber e fazer bagunça. Deram oportunidade pra muita gente. Difícilmente alguém quer contratar um hanseniano, mas através dela contrataram.

Dona Cleide, ao finalizar a entrevista, considera que a Colônia foi um lugar possível onde teve expectativas. Segundo ela, chegou sem perspectivas e foi adquirindo com o passar dos anos. Acredita que para aqueles que foram internados, a Colônia ainda é o melhor lugar ou o “nosso lugar”, como faz questão de ressaltar. Ela mesma já tentou morar em outros lugares, mas esse é o lugar onde se sente bem, pois tem muitos amigos, que se ajudam e estabelecem uma rede de amizades. É, portanto, um lugar onde as experiências continuam acontecendo, a tocando de forma diferente. Quando seu nome é lembrado como uma das pessoas que protagonizaram as atividades de educação, seu coração se enche de coragem. As expectativas (palavra que escolheu no final da entrevista), para ela, continuam.

2.2 A trajetória da professora Amélia

Com algumas sequelas físicas da doença, a professora Amélia nos esperava na porta de sua casa e apreciava o movimento das pessoas e dos ônibus. Sempre gosta de ficar, pela parte da manhã, sentada e conversando com os vizinhos. Chegou à Colônia no dia 23 de agosto de 1969, quando tinha 12 anos de idade, no dia em que o homem chegou à lua, como brinca, dizendo que por isso, nunca se esquece desse dia. Veio do interior do Amazonas, de uma comunidade perto de Manacapuru, em um motor pequeno durante 3 dias e 3 noites. Ficou doente com dois anos idade, mas o defeito físico somente apareceu com uns 9 ou 10 anos. A

professora Amélia expõe que quando chegou à Colônia, os administradores não queriam que ela se internasse.

Realmente quando nós chegamos em Manaus, nem queriam que eu me internasse. A minha doença não era pra internar. Aleijou minhas mãos e pés, mas não a minha pele. Como a minha mãe precisava ir para o interior, fiquei na casa de uma tia minha, aqui no São Raimundo. Já tinha uma irmã de 6 anos que já morava aqui na Colônia. Depois de um tempo, minha tia arranhou um internamento, através de uma freira chamada dona Elisa, e depois de um tempo, esse meu tio foi me buscar de motor de São Raimundo e fiquei na casa de uma família no Lago do Aleixo.

55

Depois dessa data, foi internada e veio para colônia. Ressalta que naquele tempo, a estrada era muito ruim e muitos eram transportados por jipe ou por ônibus. Quando chovia, ninguém vinha em razão das dificuldades. A separação de sua mãe foi um momento muito difícil, que a fez chorar durante muitos dias. “Separar da mãe não é fácil”, comenta.

Eu tinha umas manchas e sempre fazíamos exames porque já tinha casos em minha família. Minha mãe teve doze filhos, mas somente oito viveram. Comecei a tomar os remédios lá no interior. Eram umas sulfonas, em uma latinha, de várias cores. Só que quando eu tomava, eu passava mal. Eles davam juntos com o sulfato ferroso. Quando estamos anêmicos, ele dá muitas reações. Aí todo ano, a minha mãe me trazia na casa amarela. Era um prédio que era amarelo mesmo e tinha umas escadas que a gente subia. Todo ano ela trazia pra tirar o remédio. Até que chegou um ponto, que já estava com defeitos físicos. Aí decidiu me internar. Foi muito difícil essa separação. Meu pai morreu em 1964, tinha poucos anos de vida, nem tenho tantas lembranças dele. Passou-se quatro anos, minha mãe casou de novo com um homem cheio de filhos e como já era doente, não fui morar com eles e lá fiquei morando na casa de um irmão que já era casado. Aí ficou eu e mais três irmãos, ficamos bolando na casa dos outros.

A narrativa transmite um profundo sentimento de vulnerabilidade, marcado pela constante luta contra a doença, pela perda do pai, pela ausência de uma rede de apoio familiar sólida e pela dor do isolamento. A trajetória ilustra como a hanseníase, não apenas como uma condição médica, mas também como um estigma social, teve um impacto abrangente e complexo em sua vida, afetando não só sua saúde, mas também suas relações familiares e sua identidade.

Quando chegou à Colônia, foi encaminhada à casa de sua tia, no entanto, essa estadia durou apenas um mês, quando umas das freiras a redirecionou para a casa de sua irmã, que igualmente estava internada. Em 1972, teve que mudar de casa, pois sua irmã foi afastada pelas freiras por desobedecer às regras da Colônia. “As freiras eram rígidas – aprontou, mandava

embora e ela já era casada”, explicita a professora. A partir daí foi morar junto de outra família. Após alguns dias, a filha do casal com o qual estava, ficou doente, passando a morar com eles. Assim, não poderia ficar mais com eles e teve que ser afastada dessa família e encaminhada ao pavilhão das moças, pois já tinha 15 anos.

Depois de contar um pouco de como foi sua chegada, nos relatou como iniciou sua trajetória na educação.

Quando cheguei à Colônia, já comecei a estudar. Eu não sabia nem fazer o “o” na areia. Lá onde eu morava não tinha nada, as casas eram muito distantes. Vim estudar na Colônia. Tinha uma vontade louca. Comecei a estudar naquela escola, perto da caixa beneficente. Quando as aulas terminaram, no ano seguinte, fomos para o Violeta. Minha primeira professora foi a Dona Creuza, e depois eu tive o seu Manoel Benedito. Mais pra frente foi o Antônio Tomé. Aqui não tinha estudos para prosseguir. Aí fui pra noite, e estudei com o Prof. Álvaro, era muito sabido, ele morava no asilo, saía e dava aula. A professora Creuza era muito boa na sala de aula. Todos eles não tinham formação. A terceira série foi com o Prof. Manoel Benedito, a quarta com o Prof. Antônio Tomé, e a quinta série com o Prof. Álvaro, à noite. Não tinha fardamento, mas tinha livros. O primeiro livro que tive se chamava “Geralda”. Quando cheguei com aqueles meninos, eu me destacava, me igualei e olha que era recém-chegada. A matéria que eu mais gostava eram aquelas decorativas, como Geografia e História. A professora elaborava os questionários, a gente estudava e ela ia perguntando.

A professora Amélia lembra que na colônia tinha até a quarta série e que depois de um tempo, a Secretaria Estadual de Educação do Amazonas (Seduc) proporcionou a oferta das séries dos anos finais do ensino fundamental por meio de um provão. Ela se inscreveu, mas não conseguiu ser aprovada em todas as disciplinas, ficando reprovada em matemática, pois segundo ela, era uma disciplina que sempre teve muita dificuldade. Já no final dos anos de 1970, a Seduc voltou a fazer a prova para os que não conseguiram ser aprovados e ela não foi realizar a prova porque já era casada. Só voltou a estudar em 1984, após a desativação, quando por insistência de uma professora chamada Zuleide, refez todas as disciplinas, pela Seduc, concluindo em 1986 o ensino Fundamental. Finalizado o ensino Fundamental, começa sua história como professora.

Na época, uma mulher da Semed falou que tinha procurado um professor para Colônia, mas ninguém queria vir, porque de primeiro ao quinto ano, eram pessoas daqui mesmo que davam aula, que tinham um “saberzinho” a mais. Eles iam pegando, pois como era um lugar distante, eles não exigiam que a pessoa tivesse uma qualificação maior. Tinha um anexo do Violeta, onde funcionava o refeitório, hoje centro de reabilitação. Em 1986, tinha uma colega minha que trabalhava e me informou que o diretor precisava de uma pessoa para dar aula

à noite. Aí eu fiquei assim: Será? Vou pensar. Ele disse: não pensa muito não, porque preciso levar o nome para Semed. Falei para ela, será que eu tenho capacidade pra dar aula? Ela me disse que o importante era estar lá. Eu disse que não, o importante era eu saber. Aí vim pra casa. Fiz uma análise de mim e dos colegas, aí pensei: eles não sabem tão mais do que eu. Aceitei e em março de 1986, comecei a dar aula. Era educação integrada à noite. Meu primeiro dia enquanto professora foi tranquilo, não tive muitas dificuldades. Apesar de dizer que entrei por acaso na educação, com o passar do tempo, comecei a gostar. Aqueles alunos eram todos conhecidos, já eram sadios. Dificilmente tinham crianças e jovens adultos. A questão do preconceito nunca existiu entre pais, professores, alunos. Mesmo com professores doentes, os pais não tinham preconceito.

A professora Amélia recorda que, na época, ministrava todas as disciplinas, como é habitual nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Atuou nos anos de 1986 e 1987 no turno noturno, período em que ficou grávida e teve sua primeira filha. Apesar das dificuldades impostas pela doença, a gravidez não a impediu de continuar exercendo a docência, afastando-se apenas em 1988, após o nascimento de sua filha. Com orgulho, ela relembra sua resiliência diante das adversidades, como o enfrentamento das chuvas e a caminhada pelas ruas esburacadas para chegar à escola. Ao chegar, lavava os pés e calçava os sapatos, mantendo sua dedicação ao trabalho. Considerava-se completamente comprometida com as questões pedagógicas, realizando o planejamento e a preparação das aulas aos finais de semana, sempre com foco na qualidade do ensino que oferecia aos seus alunos.

A Semed exigia que tivéssemos um caderno, com todos os planos de aula, além do plano anual. No fim de semana, fazia o plano de aula da semana toda. Moro nessa casa desde 1977. Durante a semana, só fazia executar as aulas. Quando a gente entrou éramos chamados de “professor distrital”. A Seduc nunca aceitou; a Semed, sim. Depois disso, mudou de nome, foi para Agente de Educação Rural, e depois foi para auxiliar de ensino. No dia que fui assinar meu contrato, recebi um encaminhamento para me matricular na Seduc, no projeto Logos II, que era um magistério à distância. Fui à Seduc e me matriculei. A Seduc foi montar um núcleo na Colônia Antônio Aleixo. Eles davam todos os livros, estudávamos e íamos fazer as provas. Para sermos aprovados, tínhamos que tirar 7,0. Quando a turma montou, estudávamos na comunidade 11 de maio, na casa do Padre Ludovico. Estudávamos sozinhos. A Seduc dava todos os livros e íamos à escola. Era só pra fazer as provas. Quando iniciou, íamos fazer as provas na sala do Padre Ludovico, que ele fez como sala de aula. Lá onde é o posto de Saúde, era a escola Nossa Senhora das Graças (a escola do lago). Dentro do Centro Social, eles fizeram uma escola, separada por cortina. O Padre montou uma sala de aula só para o projeto Logos. O professor vinha três vezes na semana. Não perdia nenhum dia. Tinha colegas que inventavam coisas pra não ir. Pegava meus livros e estudava. Depois que a professora foi embora, contrataram pessoas daqui mesmo, a Dona Zuleide e o Raimundo Luiz. Tinha um Professor chamado Aluísio pra tirar as nossas dúvidas. Teve um dia que fui tirar uma dúvida de matemática, mas o Professor me ensinou errado, aí preferi

tirar minhas dúvidas com a Dona Zuleide, que era ótima, e com o Raimundo Luiz.

No final de 1988, a professora recorda que a primeira turma se formou com uma solenidade de entrega de diplomas no Centro Social Frei Miller. No entanto, ela relembra que a conquista do diploma de ensino médio não foi uma tarefa fácil, pois a Seduc era extremamente rigorosa e criteriosa. Mesmo sendo um projeto específico, os encontros presenciais eram marcados por tensão, especialmente devido às apresentações orais que cada aluno precisava realizar.

58

Tínhamos encontros. O pessoal da Seduc vinha. Tínhamos que dar aula para o pessoal da Seduc. Preparávamos as aulas, nos papeis cartões e mandávamos pra Seduc, que corrigia e trazia de volta para refazermos. Em um dia marcado, íamos dar aula. Ficava aqui em casa, só na minha mente, pra ver como eu ia fazer. Os colegas da Seduc ficavam sentados, avaliavam nossa movimentação, como nos comportávamos na lousa, interação, e depois iam avaliar. Tinha professor que ficava reprovado, mas eu não fiquei não.

Após a conclusão de seu Ensino Médio, a professora Amélia iniciou 10 anos depois o ensino superior, na UFAM, por meio de um projeto voltado à formação de professores (PARFOR), já no ano de 1998. Era modular, e foi outro desafio, devido às dificuldades logísticas.

Nenhum momento depois que entrei na educação, tentei desistir. Era muito difícil, mas queria persistir. Tem pessoas que não aguentam não e olha que já tinha toda minha deficiência. Falo para meus filhos que não quero ser a melhor, mas quero que eles notem e digam: Minha mãe, com toda a deficiência, conseguiu. Tive 26 anos e meio de magistério. Aposentei-me em 2012.

A professora Amélia, quando termina sua narrativa, relembra que a educação não foi sua primeira opção, mas foi um caminho que ela “agarrou com unhas e dentes”, e gostou. Continuou se dedicando, se questionando, porque às vezes batia uma indecisão se esse era o caminho mesmo, mas que enquanto foi professora fez o possível para mudar a vida de muitas pessoas, como a dela e de seus filhos. Finaliza sua narrativa contando que sua filha está fazendo graduação em Direito e que, em vários momentos, tem que incentivar e aconselhar para que a mesma não desista, porque ela é um exemplo disso.

2.3 A trajetória do professor Osvaldo

Ao batermos na porta de sua casa, logo fomos bem recebidos pela esposa do Professor Osvaldo, pedindo que nós o aguardássemos um pouco. Enquanto isso, olhamos para seu quintal:

cheio de árvores e plantas. Aquele lugar tinha um ambiente agradável e muito ventilado. Iniciamos nossa conversa com o Professor Osvaldo e mesmo antes de perguntarmos um pouco de sua trajetória aqui na colônia já foi narrando:

Eu era criança, mas entendia das coisas. Acho que com sete anos já era doente. Já tinha visto uns doentes por lá. Eu tinha medo de doente, mas já era doente. Vim pra Manaus, com oito anos, com sequelas e alguns ferimentos. Já estava começando a dar umas garras nas mãos. Passei uns tempos na casa de uma tia minha, foi quando ela me mandou me internar lá na casa amarela. Lá me disseram: Você vai passar seis meses na colônia! Esses seis meses, estou com 50 anos na Colônia. Mas não me arrependo, pois tudo que tenho e tudo o que aprendi foi aqui. Ao mesmo tempo foi uma prisão, mas de reinvenção. Se eu tivesse continuado lá fora, talvez tivesse morrido, pois a família abandonava mesmo. Faziam uma casinha escondida. Aparecia uma doença, os vizinhos já não andavam na casa, rodeavam. O preconceito era muito visível. Hoje não, ainda existem alguns bobos, mas bem poucos. Antigamente, o estigma era muito grande, é uma coisa milenar. Vim do interior, minha mãe tinha problema mental e quando dava as crises, ela era internada. Vim com a minha mãe, e fiquei com a minha tia que praticamente me internou. Meus irmãos me abandonaram. Depois de uns 2 anos ela saiu do hospício, e depois morreu.

Ao ser indagado sobre sua trajetória na Colônia, fez questão de expor que teve muitas oportunidades e que talvez não tivesse se houvesse permanecido no interior do Estado. Ao mesmo tempo que era uma “prisão” fechada, como dizia, era um lugar de oportunidades, citando projetos que surgiram, como o Sumaúma e o Logos, assim como os cursos de qualificação profissional, os quais discurremos no capítulo anterior.

50 anos na Colônia é uma vida, não me vejo morando em outro canto. Me sinto bem, não tenho o que reclamar, mesmo no tempo do hospital e mesmo com toda rigidez. Traziam cursos, principalmente na área de saúde, como o de atendente de enfermagem. Comecei a frequentar uma escola quando cheguei aqui, com 11 anos de idade. Com a desativação, muitos parentes vieram com as suas crianças. Nós tínhamos apenas uma escola, com duas salas. Aí todo mundo ficou a ver navio. Como vão ficar essas crianças? Cheguei aqui em agosto de 1969. Vim do município de Carauari. Aquelas pessoas que tinham um conhecimento foram aproveitadas como professores. Nunca tinha entrado numa escola. Vim estudar aqui, em um local restritivo. Quando estudei aqui, tinham alguns projetos, como o Sumaúma. Eu aprendi minhas primeiras letras aqui e quando desativou aproveitaram as pessoas que se destacaram e que tinha conhecimento. Frequentei a escola, onde era a antiga prefeitura (onde está a igreja mundial). De manhã eram as crianças. A minha primeira professora foi a Professora Creuza. Eu entrei como professor assim que desativou por meio dos convênios no governo José Lindoso.

Prosseguindo sua narrativa, o professor coloca que a escola da Colônia era organizada. A “Zona sadia” era coordenada por 3 ou 4 pessoas sadias, as quais zelavam pela comunidade.

Lembra que ao entrar no hospital, as freiras logo perguntavam o que a pessoa sabia fazer, para que fosse encaminhada a uma atividade laboral. Os que tinham frequentado escola e que se destacavam na leitura ou matemática eram encaminhados para as atividades administrativas.

O professor, quando chegou à Colônia, e mesmo adolescente, começou a trabalhar, como ajudante de comércio. Ressalta que além do mercadinho, passou pela enfermaria e depois foi trabalhar no supermercado, que abastecia a comunidade. Quando desativou, o sentimento que ele teve foi de abandono, pois se antes não se preocupavam com a alimentação e com a saúde, a partir daquele momento, tinham que administrar o meio salário mínimo que recebiam do governo. Quem tinha condições de trabalhar, assim o fazia. Foi nesse momento que a docência entrou sua minha vida, pois já tinha um pouco de conhecimentos básicos em Língua Portuguesa e Matemática.

Fui chamado pelo Antônio Carioca, e fui saindo de casa em casa, atrás de aluno. Ele conseguiu uns livros e aí comecei trabalhar em um espaço que hoje funciona a escola Padre Joao Devries. De lá, me chamaram para trabalhar na escola Violeta, até chegar à Escola Gilberto Mestrinho, onde me aposentei. Mesmo antes de desativar, durante a administração das Irmãs, tinha o projeto Logos II, que elas conseguiram para formar esse pessoal. Desativou a Colônia e não foi concluído o curso. Passou uns meses, mandaram nos chamar para assumir, pois concluímos o curso. Em 1987 fiz o concurso e dobrei minha carga na Semed. Naquele tempo, o professor ainda era valorizado; tinham respeito pelo professor e Deus me livre ter queixa para Irmã Fernanda. A diferença é que hoje menino pinta e borda com os professores. Eu acho isso triste. Me lembro uma vez que a professora levou uma fita gomada e fechou a boca de um aluno. A irmã não gostava destes castigos. O regime era duro, tinha disciplina, mas ninguém fazia o que queria. As irmãs trouxeram rigidez e ao mesmo tempo oportunidades. Antes das irmãs, a direção era daqui de fora, tinha um diretor. Quase todo mês trocava, pois muitos deles foram expulsos pelos próprios doentes. Na época da ditadura, o governo militar perguntou se elas queriam administrar. Elas falaram que sim, mas apenas se dessem condições. Aqui tinha umas pessoas ruins mesmo, bravas. Elas mandavam prender, e quando saía da cadeia, ela deportava logo para outros lugares. Às vezes era uma besteira.

O professor comenta que quase saiu da Colônia porque sua saúde já estava melhor. Muita gente já estava nessa situação, mesmo antes da desativação, mas segundo ele, não queriam ir, porque a vida não tinha mais tanto sentido lá fora. Os vínculos familiares já estavam quebrados e preferiam tentar uma vida na Colônia. Menciona que uma das freiras, Irmã Fernanda, tentou várias vezes dar a alta definitiva para ele, mas que foi “salvo” por uma freira chamada de Joana, pois ao saber de sua história, dizia que ele não tinha para onde ir. “Quebrava minha castanha”, brinca. Segundo ele, as pessoas que eram expulsas ou que receberam alta voltaram após a desativação. “O governo loteou a Colônia para os doentes e parentes que

queriam voltar. Quando desativou, encheu de pessoas e a escola não era suficiente para grande quantidade de pessoas”, coloca. Foi nesse momento que, com inventivos de outra pessoa, ele formou duas turmas, de manhã e à tarde.

A colônia foi uma porta aberta para muitas pessoas. Logo que desativou, tivemos sorte, pois o governador Danilo Areosa arrumou os contratos na área da saúde. Ninguém queria trabalhar aqui, ninguém mesmo. Por isso, ele aproveitou o pessoal que já trabalhava aqui, e davam contratos. Poucos vinham de fora, mas depois de uns três meses, já voltavam. Era só pra segurar o emprego mesmo. Nos anos finais do fundamental, o professor vinha de fora, mas não demorava. E aí tapávamos os buracos, porque não tinha professor. Eu sempre dei aula para quarta série. Tinha muitos professores. Uma vez botaram uma professora, ela se enrolava, de vez em quando chegava comigo para ajudá-la. Não me vejo em nenhuma outra profissão. Sinto respaldo da comunidade. A minha tábua de salvação foi a educação, pois me empenhei nos meus estudos, me dediquei de corpo e alma, comprava as melhores coleções. Todo mundo na farra e eu estudando. Aqui depois que desativou virou terra sem lei, cruel. Se eu não tivesse me dedicado, seria mais um número nas estatísticas. Como todo professor, a gente tem alguns momentos de alegria e de tristeza. Tento até esquecer. Fui vítima de uma injustiça, que acho que vou morrer e não terei nenhuma explicação. Eu só tive uma oportunidade na vida, que me agarrei, que foi a Educação.

O professor finaliza sua entrevista agradecendo pela oportunidade de lembrar o quanto ele foi indispensável na vida de muitas pessoas. É como se as memórias produzissem outra experiência: a da gratidão, pois como ele mesmo enfatiza: a educação foi uma ponte em sua vida e um lugar onde ele conseguir plantar e cultivar.

2.4 A trajetória do professor Oscar

Indicado por outro ex-interno, o professor Oscar, nos recebeu com um sorriso e com um ambiente organizado para entrevista, e foi logo nos cumprimentando. Fico pensando que trabalhava desde 2011, na Colônia Antônio Aleixo e nunca tinha ouvido falar desses professores que se empenharam tanto e que iniciaram um processo tão importante nessa comunidade. Tenho consciência que isso é uma forma que nos é ensinada: negar a história. Contudo, fico na responsabilidade de dar voz (mesmo que não concorde com essa expressão), a eles, no intuito de valorizar suas histórias de vida. Ele inicia sua narrativa da seguinte maneira:

Vim pra Colônia, de Paricatuba, em 1969. Descobri a doença muito novinho, tinha 5 anos. Vim de Tefé. Tinha um irmão mais velho que já estava com a doença, em Paricatuba. Eu não tinha nem nascido. Eu na minha concepção, as pessoas que têm preconceito, são atrasadas na educação ou são antigas. Os jovens já têm outra visão, porque estudam. Eu tive em um seminário, na

Fundação Alfredo da Mata. Estava eu e Maria da Consolação. Aí eles levantaram a questão que a hanseníase é contagiosa. Teve várias opiniões, aí a Enfermeira me chamou. Eu disse pra eles: eu contesto que ela é contagiosa, pois se eu apareci doente com 5 anos, eu nasci doente. De onde apareceu se meus pais eram sadios. Isso não foi resolvido pra mim. Eu nasci assim. Nos rios Juruá e Purus, estão os maiores focos da doença, porque a doença no interior é uma vida miserável, porque só come farinha e peixe.

Na sua narrativa, o professor Oscar afirma que as causas da doença estão relacionadas à pobreza ou mesmo à hereditariedade. Interpretamos, em Fleck (2010), que a ideia da hereditariedade perdurou por muito tempo na ciência, ou seja, era um estilo de pensamento adotado por especialistas que demonstravam os casos existentes nas famílias. Esse estilo de pensamento ainda existe, mas não mais validado pela Ciência, que hoje adota o estilo de pensamento sustentado por pesquisadores que defendem o bacilo como a causa da doença.

Professor Oscar comenta que seu irmão, que só conheceu em Paricatuba, já estava com a doença. Somente ele e seu irmão contraíram a doença, fato que o faz pensar, até hoje, que a causa da doença é hereditária.

Na cidade, as pessoas, mesmo sendo pobres, comem verdura, carne, frutas, etc. A porcentagem da doença aqui é menor. Na época, quando aparecia, seja onde fosse, todo mundo se afastava porque causava temor. Eu era criança, mas eu lembro. Meus pais eram pobres seringueiros, que trabalhavam muito. Um dia fiquei sozinho, e resolvi ir à casa do meu vizinho, que logo viram um sinal em mim e ficaram desconfiados, olhando de lado. Quando o patrão do meu pai soube, falou para o meu pai que ele precisava me enviar para o hospital porque eu era leproso. Mas meu pai retrucou, dizendo que eu era ainda uma criança. Mas ele foi enfático: tem que ir embora daqui. Passamos quase um mês de viagem, existiam aquelas canoas, meio grande, à noite, ficávamos em um igarapé, pra pernoitar. Cheguei aqui, e me levaram para Paricatuba. Chegando em Paricatuba, sabia que tinha um irmão doente que morava lá, mas que poderia ter morrido. Mesmo criança, pra mim, não foi fácil. Quando cheguei ao prédio, tinha uma recepção, prefeitura de um lado, farmácia, de outro. Tinha um salão das mulheres, enfermaria 1,2,3,4. Depois vinha a escola. Lá também tinha o salão dos acamados, dos homens e das mulheres, na parte da frente. Quando chego à secretaria, veio um policial, que pediu pra sentar e que iríamos até à prefeitura pra legalizar. Perguntou se eu era irmão do “fulano”, até que um conhecido do meu irmão olhou pra mim e disse que eu era irmão dele. Imediatamente o chamou. Não conhecia meu irmão porque quando ele foi para Paricatuba, não tinha nem nascido. Meu irmão ficou alegre, pra mim nem tanto, pois estava temeroso. Tinha medo das deformidades, pois quando via essas pessoas deformadas, ficava assustado.

O mais difícil para ele naquele momento, foi se deparar com as pessoas deformadas. Aquilo o assustou, a ponto de não se importar com o encontro inesperado com seu irmão. Pensar que poderia ficar assim, o deixou sentimentalmente abalado, pois mesmo criança, sabia que aquele momento não era bom. No entanto, encontrar seu irmão foi um precioso acontecimento.

Começou a morar com um amigo dele, que o adotou, e depois de três anos, tomando os remédios recebeu seu lado de “negativado”. Estava curado. Nesse momento, seu irmão, com saudades de sua família, o levou a Tefé, com o intuito de inclusive devolvê-lo à sua família. Chegando lá, o sentimento de voltar para casa o traiu.

Era como se tivesse estranho, dentro de sua própria família. O patrão de seu pai, que anos atrás, incisivamente pediu que fosse encaminhado ao leprosário, dessa vez, o cumprimentou e parabenizou pela cura. Olhou para os “cantos” do lugar, e disse: Não! Teve a impressão que aquela vida de sofrimento e miséria não mudava. Assim, preferiu voltar ao leprosário de Paricatuba, mesmo com a possibilidade de a doença voltar, já que estaria em contato com os outros doentes. Preferiu, portanto, deixar de viver naquele lugar, basicamente voltado para o trabalho. Assim o fez, e continua seu relato, nos informando sobre como começou a estudar, ainda em Paricatuba.

Quando cheguei, fui direto pra escola. Lá era para crianças. Era multiseriado, tinha que ser polivalente. Lá em Paricatuba, era uma escola de uma sala e só funcionava de manhã e tarde. Na época, eram 40 alunos, por turno. Era só um professor, chamado Lourival e dava aula de manhã e à tarde. Cheguei em 1953, na maior enchente do Amazonas. Lá na escola, tinha uma merendinha e não era organizada como hoje. Existia uma rivalidade entre os doentes de Paricatuba e da Colônia, em razão dos times de Futebol.

Depois que chegou à Colônia, no período de remanejamento dos internos de Paricatuba para Colônia Antônio Aleixo, exerceu as atividades de enfermagem, a qual se orgulha bastante, pois sabe realizar vários tipos de procedimentos como aplicação de injeção, banho de leito, esterilização de materiais, dentre outros. Ressalta que os alunos de enfermagem não sabem nem a metade do que eles sabiam, dada a natureza das atividades pedagógicas, que os formaram no período de isolamento, ou seja, mais práticas e menos teórica. Mas seu trabalho era temporário e muito incerto. Foi quando decidiu partir para outra área, que segundo ele, poderia desfrutar de melhores condições de vida: a da educação.

Um colega meu chegou comigo, perguntou se eu queria ser professor. Disse: não quero, não! Não tenho saco pra isso! Não tenho capacidade no momento. Queria ser médico, era ligado em ciências. Esse meu amigo ia viajar, e pediu pra eu ficar no lugar dele de professor. Não posso, não sei, falei pra ele. Fica no meu lugar e daqui de fora, fico coordenando. Faço todos os trabalhos, é só levar pra aplicar. Retruquei, dizendo que não ia dar certo. Quando chegar, eu volto, falou pra mim. Aí topei. Me apresentei na escola Violeta, no ano de 1982. Fiquei no lugar dele e por trás, ele fazia todos os trabalhos. Foi meu professor para me tornar professor. Fui tomando gosto pelo negócio. Como estava estudando, era

bem aplicado, pois procurava me dedicar. Tinha três colegas que estudavam comigo. A gente sempre sentava junto. Tinha outros colegas, como a Creuza e Cleide, as quais me deram uma ajuda também. Fiz magistério e licenciatura em Pedagogia. Toquei o barco pra frente e assim iniciei minha experiência com a educação na escola Violeta, cujos alunos já eram filhos de sadios e de doentes. Tinha um projeto para a escola ser de dois pisos, mas não foi pra frente.

O Professor Oscar acredita que a Educação foi como uma trilha de aprendizagem, pois subiu degrau a degrau. Enfaticamente considera que cada degrau foi por causa das dificuldades superadas. “Eu insisti na educação porque tomei gosto e foi me elevando. Me identifiquei muito com a criança pois não tinha aptidão, mas depois veio e me foquei dentro daquilo que me comprometi”. Depois que desligamos o gravador do celular, continuou contando algumas histórias, relacionadas ao orgulho que tinha ao ver seus alunos hoje formados e com uma profissão. Orgulha-se de sua filha, que também é pedagoga e o quanto sua vida ganhou outro sentido, que talvez, em Tefé, naquela comunidade, não alcançasse.

2.5 A trajetória da professora Glória

Nascida no município de Coari - Amazonas, a Professora Glória se apresenta como uma lutadora e uma “apaixonada” pela educação. Chegou à Colônia Antônio Aleixo no ano de 1962, aos 16 anos, receosa, mas confiante da cura ou feliz por chegar a um lugar que não sofresse com os olhares preconceituosos. Quando soube que tinha a doença, aos 13 anos, escondeu durante algum tempo de seus pais e irmãos, mas um acidente com fogo deixou claro à sua família que a mesma estava doente. Segundo a professora Glória, “pegou” de seu pai, que em dois anos chegou a falecer. Ouviu falar da Colônia e não hesitou em viajar para esse local que segundo ela, mudaria o curso de sua história.

Casou-se aos 20 anos, mas não teve filhos biológicos. Com auxílio das irmãs franciscanas que administravam a Colônia, começou a frequentar a escola. Inicialmente estudou no turno noturno, mas depois que descobriram que existia um casal namorando na escola, seu esposo a trocou para o turno matutino. Professora Glória tinha estudado em Coari até a 2ª série do antigo 1 grau (hoje, 3º ano do ensino fundamental), já sabia ler e escrever, mas via naquele lugar simples, uma oportunidade de continuar seus estudos. Ainda se lembra do seu professor, Manoel Benedito, também atingido pela doença, citando o quanto ele foi fundamental para sua formação. Além desse professor, relata que as irmãs franciscanas foram essenciais para sua vida, pois, davam incentivos e muitas oportunidades. Recorda, a título de exemplo, de um curso que realizou como auxiliar de nutrição, fora da Colônia, com o intuito de aperfeiçoar seus conhecimentos. “Elas me viam uma pessoa esforçada e com futuro”, comenta.

Segundo ela, o professor Manoel ministrava todas as disciplinas e era bem “rígido” quando tinha que ser. Eram comuns as atividades de tabuada e os ditados. Decoravam todas as operações, mas de todas as disciplinas, a que mais gostava era geografia. As aulas aconteciam apenas em sala de aula e raramente existiam as atividades extraclases.

Comenta que poucos alunos, da idade de 9 a 10 anos, tinham dificuldades e como Professora Glória se destacava, começou a auxiliar os colegas, tornando-se uma espécie de “tutora”. Seu desempenho na sala de aula ajudaria a tornar-se professora. No mesmo ano, o professor Manoel Benedito teve um problema de saúde e antes de sua morte, indicou a Professora Glória, para assumir o seu lugar. E assim aconteceu, tornou-se professora, profissão que dedicaria tempo e paixão. No entanto, continuou estudando na escola, à noite, e durante o dia, era professora.

Professora Glória, enaltece seu compromisso na educação, pois conseguiu sua formação no magistério, por meio do projeto Logos, assim como de sua licenciatura, pela Universidade Federal do Amazonas e especialização em Gestão Escolar, pela faculdade Dom Bosco. Professora Glória dedicou-se inteiramente à educação e além de professora, foi gestora da primeira creche da Colônia, a Creche Padre Mário.

A escola pra mim foi o início de uma vida que abriu os caminhos para a gente enxergar mais longe e adquirir conhecimentos, porque a gente não podia viver uma situação além do isolamento, sem conhecimento de nada social, eu achei isso e fui em busca de aprender mais, de estudar e de fazer a faculdade de licenciatura plena como já falei e graças a Deus até hoje estou por aqui, aposentada já.

A narrativa acima revela a importância transformadora da educação, destacando a escola como um ponto de partida para uma nova perspectiva de vida e para o acesso ao conhecimento. Ela descreve o isolamento como uma situação de limitação não apenas geográfica, mas também social e intelectual. A escola surge, então, como um espaço que possibilita a expansão de seus horizontes, permitindo-lhe “enxergar mais longe” e romper as barreiras da exclusão.

Narrativas como Rupturas Biográficas: Uma Perspectiva sobre a Formação Docente

A experiência de ser professor é plural e não linear, como evidenciam as narrativas dos professores Osvaldo, Oscar, Amélia, Glória e Cleide. Suas trajetórias ilustram diferentes motivações para o ingresso na docência, desde oportunidades inesperadas até desejos de

infância. A Lei nº 5.692/1971, ao permitir a contratação de professores leigos, reforçou a necessidade de projetos como o Logos I e II, voltados à capacitação desses profissionais. Esse contexto foi permeado por inseguranças e desafios, mas também por colaboração entre pares, transformando a escola no principal espaço de formação continuada.

Segundo Arroyo (2008) e Tardif e Lessard (2005), a escolha pela docência frequentemente se associa à vocação e ao amor à profissão. Contudo, no contexto dos hospitais-colônia, a docência foi também uma forma de transgressão ao isolamento social e de busca por pertencimento e dignidade. Freire (1992) defende que sonhar é essencial para a construção histórica do ser humano, e, nesse sentido, os professores entrevistados se refizeram ao longo de suas trajetórias, enfrentando adversidades estruturais e emocionais. Amélia, por exemplo, destacou o apoio entre colegas como essencial para superar a falta de formação inicial, enquanto Glória revelou que sua determinação a levou a concluir uma pós-graduação, apesar das dificuldades logísticas.

O processo de tornar-se professor foi profundamente influenciado pelas relações de interdependência. Elias (1994) ressalta que a formação individual está intrinsecamente ligada à experiência coletiva. Na Colônia Antônio Aleixo, mesmo sob o isolamento compulsório, os professores encontraram nos laços sociais uma rede de suporte que os fortaleceu e legitimou suas práticas. Essa dinâmica coletiva também foi instrumental na construção de status e pertencimento dentro da figuração local.

Apesar dos avanços promovidos pelos programas de formação, como o Parfor, os desafios persistem, especialmente em regiões rurais do Amazonas. As histórias de Osvaldo e Cleide destacam a desigualdade educacional no período e o impacto transformador da escolarização. No entanto, a docência continua sendo um artesanato, realizado por meio da prática e da resiliência, como bem afirmam Tardif e Lessard (2005).

Considerações Finais

Os professores que foram atingidos pela hanseníase, vivenciaram o isolamento compulsório e viram na educação uma porta e uma possibilidade de melhoria de vida. As histórias se interligam e ao mesmo se complementam, mas a experiência da docência, como bem coloca Larrosa, é única, que consiste não apenas em viver e narrar o fato, mas em ser capaz de promover análises do vivido.

Na perspectiva das rupturas biográficas, as narrativas são claras quanto à inserção da doença em suas vidas, mas de forma reelaborada, ou seja, de como os professores conseguiram conciliar e transcender. Esse é o terceiro momento de uma ruptura, quando há o fortalecimento nesse espaço vivido.

É possível afirmar que a pesquisa revelou a complexidade e a importância da educação como ferramenta de resistência, reintegração e transformação pessoal no contexto do isolamento compulsório da hanseníase. As narrativas dos ex-internos da Colônia Antônio Aleixo evidenciam como, apesar das dificuldades e do estigma social, muitos desses indivíduos conseguiram reconfigurar suas trajetórias biográficas por meio do exercício da docência. Tornar-se professor, em um ambiente de exclusão, não apenas desafiou as limitações impostas pela doença e pela sociedade, mas também possibilitou a reconstrução da identidade e da autoestima desses educadores. Este estudo contribui para a ampliação do entendimento sobre o papel da educação na formação de sujeitos resilientes, que, mesmo em condições adversas, se tornam agentes de mudança e de superação.

O processo civilizatório dos professores fica evidente, na medida em que buscam o aprimoramento profissional, incorporando novas práticas metodológicas e aperfeiçoando os processos envolvendo sua práxis. Pelos relatos, pouco podemos evidenciar as relações de tensão e de poder entre os professores, e dos mesmos com as freiras ou com os diretores das escolas pós-isolamento. No entanto, se analisarmos essa figuração escolar, é possível identificar relações de poder-saber, no domínio de conhecimentos básicos em disciplinas como português e matemática, assim como no processo de transposição didática.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CLEMENTINO, E. **Narrativas de vida e educação**: Possibilidades de análise e intervenção pedagógica. Campinas: Papirus, 2012.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FLECK, Ludwick. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

JOSSO, M.-F. O lugar da autobiografia na pesquisa educacional. In: Clementino, E. (Org.) **Narrativas de vida e formação**. Campinas: Papirus, 2012.

NÓVOA, Antônio. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Sema Garrido (org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2005.